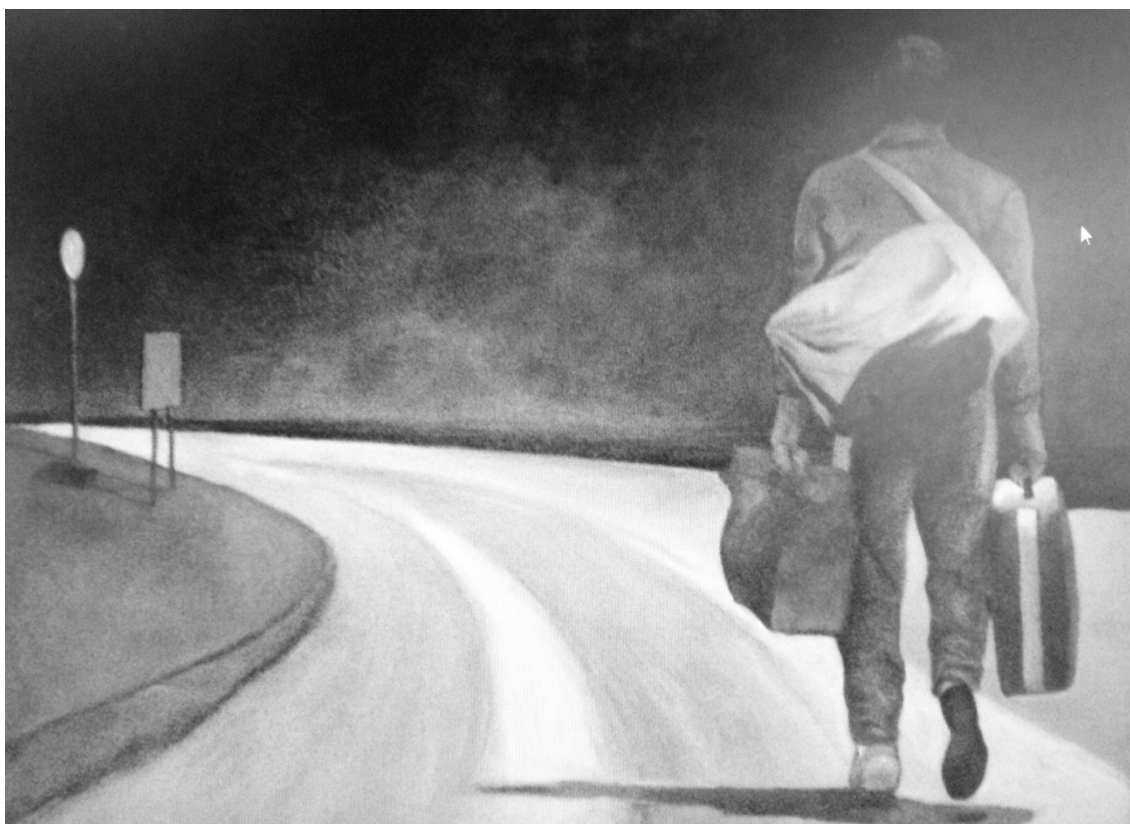


De que velhice estamos falando?



*Maria Antonia Demasi
Ruth G. da Costa Lopes
Suzana Carielo da Fonseca*

No último encontro de 2014 do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi apresentada uma etapa do trabalho “A velhice no tecido da vida”.

Trata-se de um estudo em andamento, coordenado pela Profa. Dra. Suzana Carielo da Fonseca, que procura contribuir para a reflexão encaminhada no campo da Gerontologia Social, problematizando imagens da velhice na contemporaneidade mobilizadas nos discursos de 47 sujeitos com idades entre 8 e 87 anos. De natureza qualitativa, envolve além da revisão bibliográfica da disciplina *Saúde, Envelhecimento e Linguagem*, uma pesquisa de campo baseada em entrevista semiestruturada como procedimento metodológico de investigação. Foram três as perguntas trabalhadas: O que é a vida? O que é o envelhecer? E, que imagem você tem da velhice na atualidade?

Para cada pergunta, nos diferentes segmentos etários, foram observadas centralidades específicas, ou seja, preocupações, temas recorrentes que apareciam em diversos momentos da entrevista.

Os exemplos a seguir foram apenas algumas das constatações que, reunidas a partir dos resultados parciais dessa primeira fase da pesquisa, apresentadas no NEPE, repercutiram de forma acentuada entre os participantes do evento. Primeiramente analisamos algumas respostas da questão sobre o que seria o envelhecer, especificamente no segmento etário de 20 a 59 anos.

Iniciaremos com um trecho extraído do livro *Escrita de uma memória que não se apaga*, de Ângela Mucida.

Ninguém é imune às concepções de velhice que circulam em cada época em cada cultura, nas políticas públicas, nos diversos discursos. Elas têm efeitos sobre os possíveis destinos da velhice e sobre as formas de tratá-la; todavia, os efeitos não são os mesmos para cada sujeito. (MUCIDA, 2009, p.27)

Entrevistas como a de C., sexo masculino, 59 anos, ilustraram a afirmação de Mucida:

[...] a velhice fica descartável porque ela não produz mais, não presta nenhum serviço na sociedade, nem na família, nem na produção. Então ela é uma coisa, com perdão da palavra, um lixo.

M., também do sexo masculino, 58 anos, avança e afirma:

[...] tem duas partes, o que está bem e o outro miserável, que tá sofrendo. É triste [...] se não tiver saúde, aposentadoria e um cantinho pra ficar, acabo!

C. parece refletir a partir de um lugar específico entre os discursos sobre a velhice que circulam socialmente, qual seja: o lugar do medo, da dependência, do isolamento, da doença. Já M. avança a possibilidade de uma velhice melhor, mais positiva, se tiver algum tipo de estrutura que garanta qualidade de vida.

Vejamos M., sexo feminino, 46 anos:

Acho que é ganhar sabedoria, ter mais paciência. Saber lidar com as pessoas, é isso.

Ainda F., também do sexo feminino, 48 anos, afirma que envelhecer

[...] é ganhar experiência, aprender cada dia mais, ser mais tolerante com as coisas da vida.

Aspectos positivos e aspectos negativos são afirmados nessas entrevistas indo ao encontro a afirmação de Jack Messy, psicanalista francês, que discute as várias facetas do processo de envelhecer.

Essas noções antônimas contidas no termo envelhecimento são, de um lado, as que evocam a ideia de desgaste, de enfraquecimento, de diminuição e, de outra parte, as que evocam bonificação (de que, por exemplo, o vinho se beneficia), a maturação, o acréscimo [...] definido assim, o envelhecimento exprime, ao mesmo tempo, uma ideia de perda e outra de aquisição. (MESSY, 1999, p. 17)

Messy aponta, assim, que dentro desse grande universo de valores que abriga a ideia de envelhecimento, contradições e não ditos têm lugar garantido.

Durante o processo de entrevistas, as sete pesquisadoras¹ foram percebendo que os sujeitos participantes não só se sentiam à vontade ao falar do tema como avançavam, chegando, muitas vezes, a contemplar temas que, necessariamente, não haviam sido colocados em pauta: o universo da família e suas implicações no envelhecer foi um deles.

Os significados de família nas entrevistas coletadas no trabalho "A velhice no tecido da vida", não foram objetos de estudo nessa primeira fase da pesquisa, mas serão aqui previamente analisados. Para tanto, a bibliografia utilizada será aquela que foi trabalhada, concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa, na disciplina "A família e o Idoso" do Programa de Gerontologia Social da PUC SP².

Iniciaremos sob a luz da formulação desenvolvida pela Professora de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP, Cynthia Andersen Sarti.

[...] uma concepção de família como uma realidade de ordem simbólica, que se delimita por uma história contada aos indivíduos e por eles reafirmada e ressignificada, nos distintos momentos e lugares da vida familiar, considerando a relação da família com o mundo externo [...]. (SARTI, 2004, p.11)

Imaginemos então um "Atlas do Envelhecer", uma coleção de referências culturais e sociais que indicariam as possíveis posições dos indivíduos em relação à concepção de família. Para tanto, atentemos para mais um trecho da entrevista de C., sexo masculino, 59 anos. Um embate mudo entre a crença

¹ Alunas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, matriculadas na disciplina "Saúde, Envelhecimento e Linguagem", ministrada pela Profa. Dra. Suzana Carielo da Fonseca, na PUCSP.

² Ministrada pela Profa. Dra. Ruth G. C. Lopes.

socialmente engendradora de família acolhedora de seus velhos e a realidade percebida no dia a dia dos idosos:

[...] Espero que meu filho cuide de mim na medida do possível. Porque o asilo, por melhor que seja, por bom que seja, ele tem uma característica de desprezo. Infelizmente, tem. Isso, psicologicamente, a pessoa se sente desprezada. O velho se sente acolhido na sua casa ainda que não tenha tratamento tão bom quanto no asilo, ele se sente como um peixe fora da água, um pássaro sem ninho. O velho se sente assim, porque ele sabe que suas raízes foram tiradas e suas raízes é a família. O desprezo da família... Então a família perdeu o valor. Uma árvore sem raiz não tem segurança nenhuma. Assim é a velhice: sem as raízes familiares ela não tem raízes. E a família hoje ela é sacrificada em nome do lucro.

O depoimento começa com a verbalização de uma esperança, a de que o filho possa ser aquele que cuidará da velhice do pai, ideia que ainda permeia fortemente o imaginário dos envelhecidos. Confortável, parece desobrigar aqueles que por força da proximidade do tempo em que a questão do cuidar de si estará colocada, a refletir e mais, mobilizar-se, em relação a uma fase da vida que vislumbra como difícil e repleta de desafios.

Qual será a “medida do possível” para o cuidado de um velho? Possível que não atrapalhe a vida do filho? Parece inevitável que conflitos próprios dessa fase da vida comecem a surgir.

No artigo *Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações* (GOLDFARB; LOPES, 2006), as autoras discutem perturbações psíquicas específicas que ocorrem nas relações intergeracionais e alertam para o sofrimento que elas podem causar.

Ao considerar a alternativa de envelhecer em um asilo, C. acaba por explicitar uma ideia pré-concebida do que hoje denominamos Instituição de Longa Permanência (ILPI), para ele, espaço de desdém e desconsideração. Deparamo-nos assim, com a imensa dificuldade em demarcar com precisão lugares onde a velhice possa ser vivida com conforto estrutural e emocional, e o sofrimento manifesto através de imagens metafóricas. Um pássaro sem ninho, um peixe fora da água. Duas situações habilmente observadas na prática da Psicogeriatria de Leopoldo Savarezza:

Esta família que tende a funcionar de forma encapsulada, como grupo fechado, registra como perigosa para sua integridade a introdução da noção de mudança que geralmente são transmitidas pelos seus membros mais jovens [...]. (SAVAREZZA, 1991, p. 218)

Até aqui então, nosso Atlas do Envelhecer já tem um lugar demarcado para algumas velhices: ao lado dos filhos, mesmo que posicionados de maneira desconfortável. Sarti afirma:

Os limites do mundo familiar, demarcados pela história que a família conta sobre si, criando sua identidade, são abalados pela ação individualizada de cada um de seus membros, que reagem singularmente às relações internas e que trazem à convivência cotidiana a experiência também singular com o mundo exterior. (SARTI, 2004, p.19)

Finalizando o raciocínio, o entrevistado afirma que a sensação de desprezo sentida está relacionada com o fato do idoso longe da família sofrer o que considera uma violência: o corte de suas raízes, ou seja, a vida longe da vivência familiar. Em nenhum momento faz menção a um espaço que não seja o privado, ou aquele onde viverá um tipo de exílio. A experiência da velhice está resumida assim a uma relação solitária com todo e qualquer repertório de vida, sem trocas, sem aprendizado, sem desejos.



Essa percepção do envelhecer, certamente não nos parece estranha, desconhecida. Com pequenas variações são histórias como essas que ouvimos em nosso dia a dia. Uma família acuada, um idoso ressentido, poucas

saídas ou caminhos alternativos, o sofrimento instalado. Como por inércia, esse percurso é admitido quase como único pela sociedade e, repentinamente, só falamos dessa velhice, abstando-nos assim de refletir sobre outras possíveis.

Tornamo-nos agentes repetidores de falas que deveriam ser filtradas para que assim pudéssemos fazer a tradução de uma realidade que, inserida na contemporaneidade, muda rapidamente e exige que tracemos nova rota, não de fuga, mas de encontro a novas sinalizações de espaços capazes de formular um Atlas de Envelhecer vivido e não só imaginado.

Referências

GOLDFARB, D.C. & LOPES, R.G.C. Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1374-82. (2ª ed.), 2006.

MESSY, J. *A Pessoa Idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Editora Aleph, 1999.

MUCIDA, A. *Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e envelhecer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SALVAREZZA, L. *Psicogeriatría*. Buenos Aires, Paidós 1991.

SARTI, C.A. *A família como ordem simbólica*. *Psicologia USP*, 15(3), 11-28, 2004.

Data de recebimento: 20/03/2015; Data de aceite: 15/05/2015.

Maria Antonia Demasi - Jornalista e mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Email: tonhademasi@uol.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes – Psicóloga, Doutora em Saúde Pública-USP, Docente na PUCSP no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, Curso de Psicologia – FACHS e supervisora na Clínica-escola “Ana Maria Poppovic”. Email: ruthgclopes@gmail.com

Suzana Carielo da Fonseca - Mestre e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. Docente e Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUCSP. Coordenadora do Centro de Atendimento a Afásicos (CAAf) da DERDIC (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação). Email: suzfonseca@estadao.com.br

